

SARA MOSLI

[portfólio, 2023]



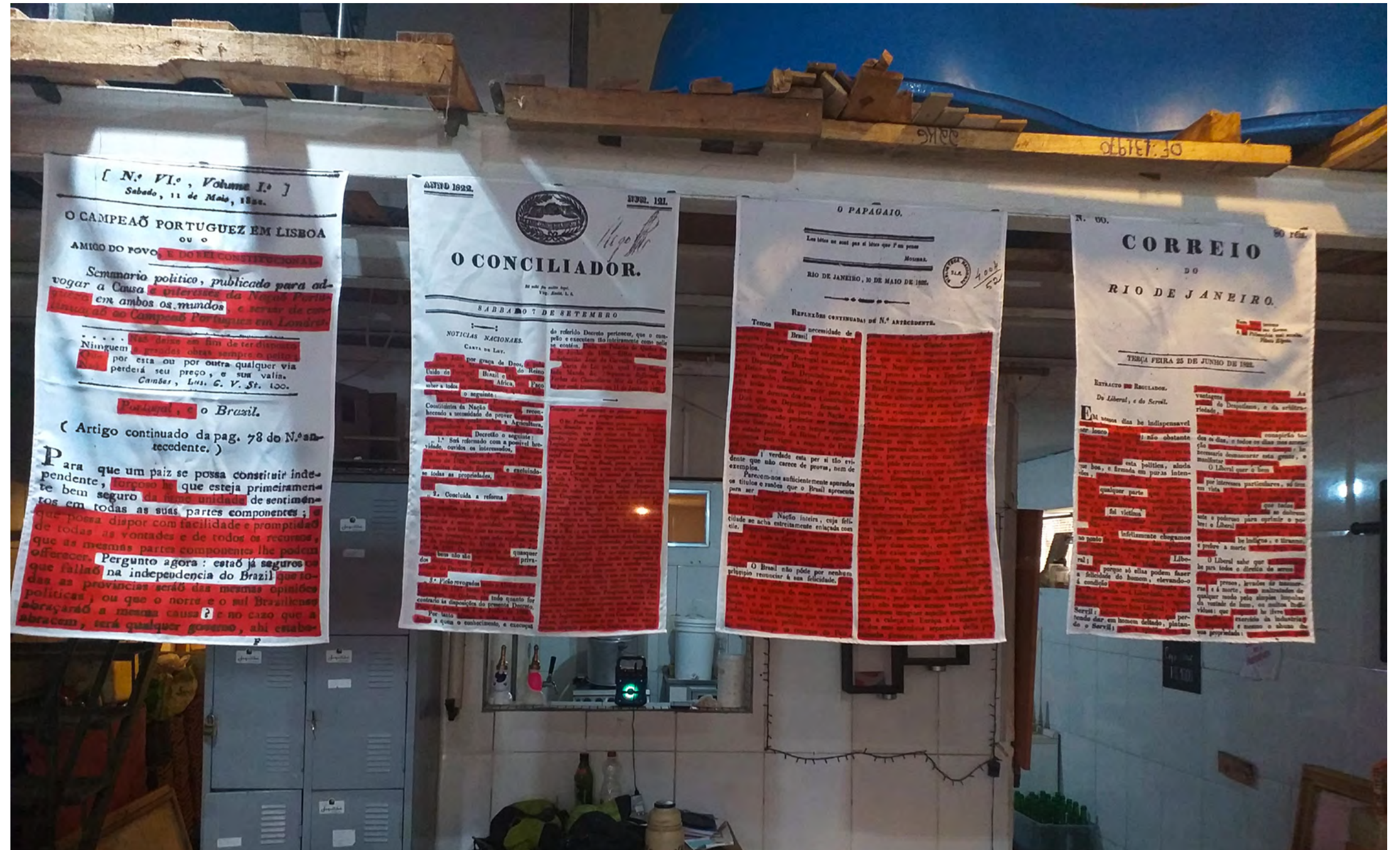
Nascida em Ouro Preto/MG, 1994. Graduada em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais [EBA/UFMG], mestra em Filosofia: Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto [PPGFIL/UFOP], e doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense [PPGCA/UFF]. Vive em São Paulo, SP, trabalhando entre Rio de Janeiro e São Paulo..

Levando em consideração a construção das subjetividades no contexto dos discursos (políticos, sociais, historiográficos etc.), trabalha com múltiplas materialidades, expandindo os limites entre a literatura, a fotografia, o desenho e o têxtil. Entre projetos de longo prazo e trabalhos de resultado imediato, pode ser definida como uma pesquisadora do tempo em suas várias dobras e ressonâncias.

MANUAL POLÍTICO DO CIDADÃO CONSTITUCIONAL

2023 | Impressão e tinta acrílica sobre tecido | Série de 8 peças de 60 x 100 cm cada

Produzido durante a Residência Artística Ateliê Sanitário 2022, sobre o tema Bicentenário da Independência, a série Manual Político do Cidadão Constitucional resulta de uma investigação sobre os panfletos políticos que circularam no Brasil na época da declaração da Independência, a partir do Dossiê "Guerra das penas", organizado pela Biblioteca Nacional. A partir da primeira página dos panfletos, foi feita uma intervenção com tinta onde se tampa algumas partes do texto com vermelho, evidenciando outras camadas de leituras, correlacionando os cenários políticos brasileiros de uma república recém formada em 1822 e um estado democrático de direito fragilizado pelo conservadorismo em 2022.

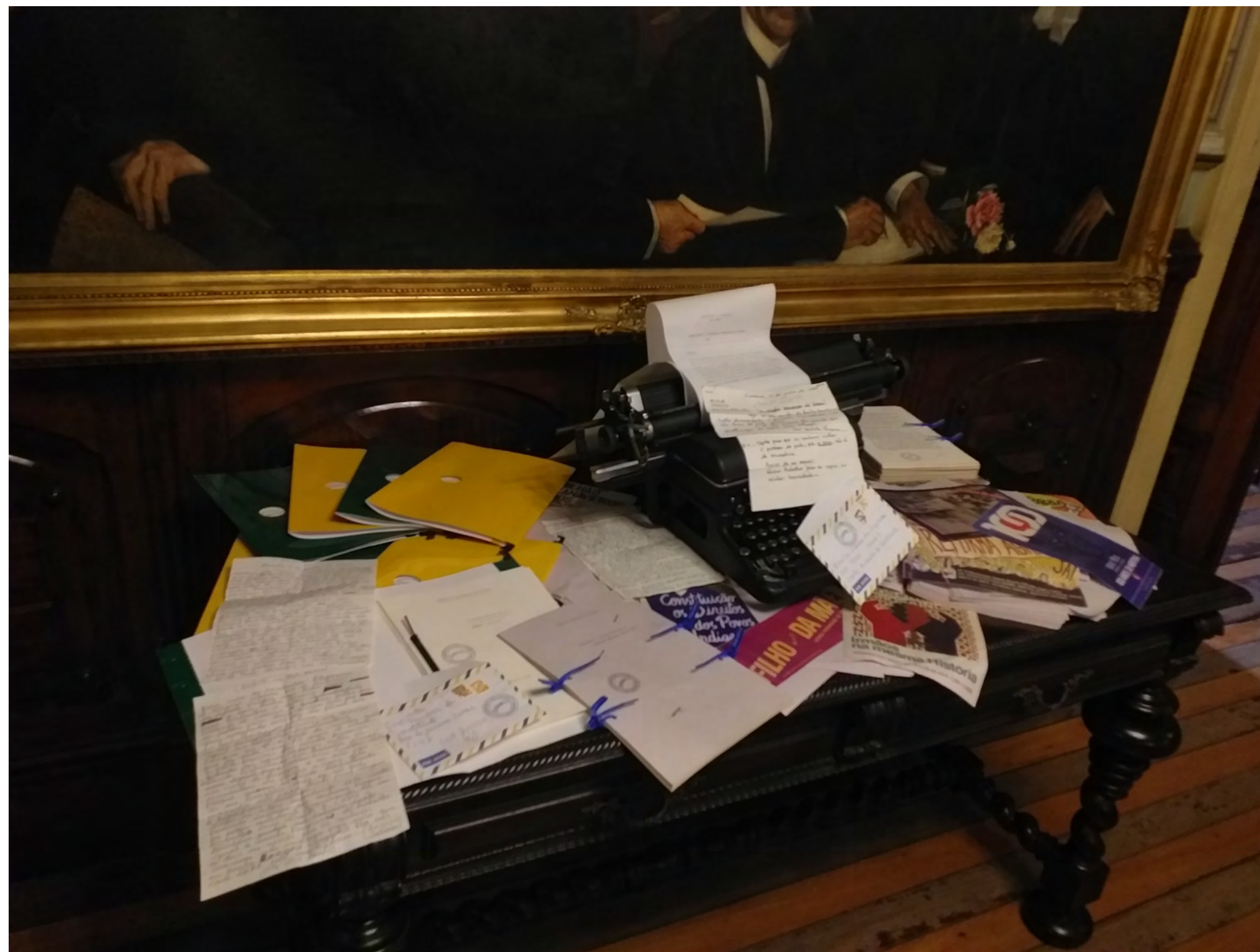


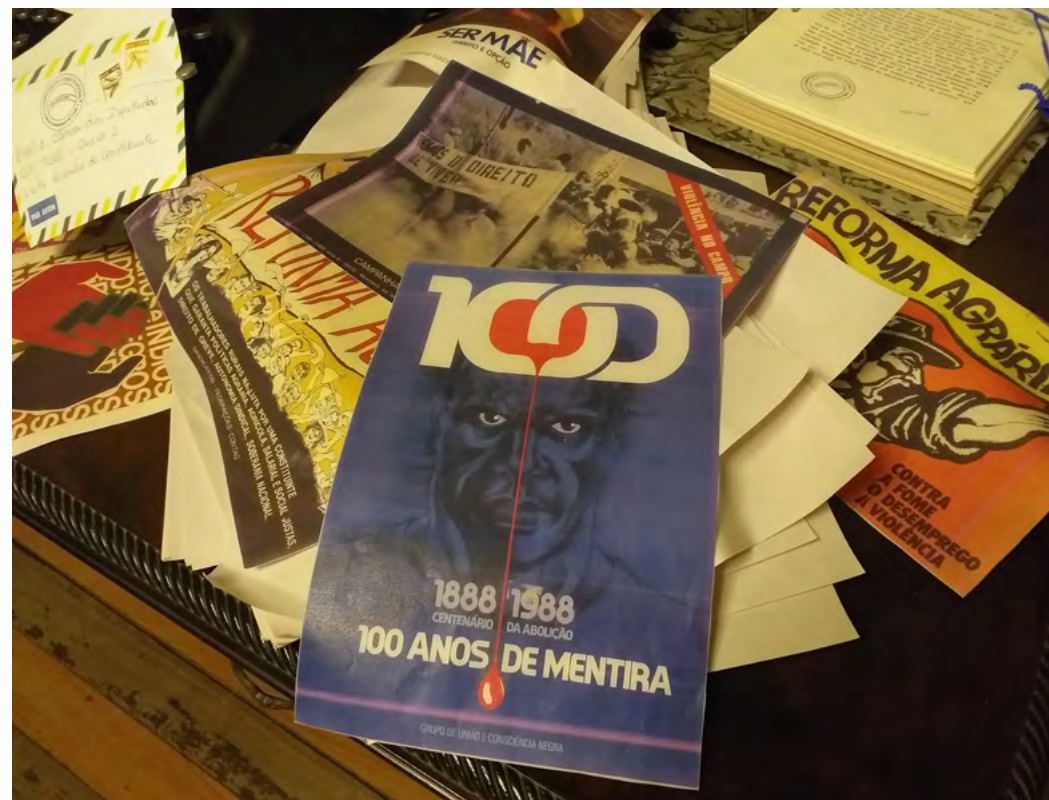
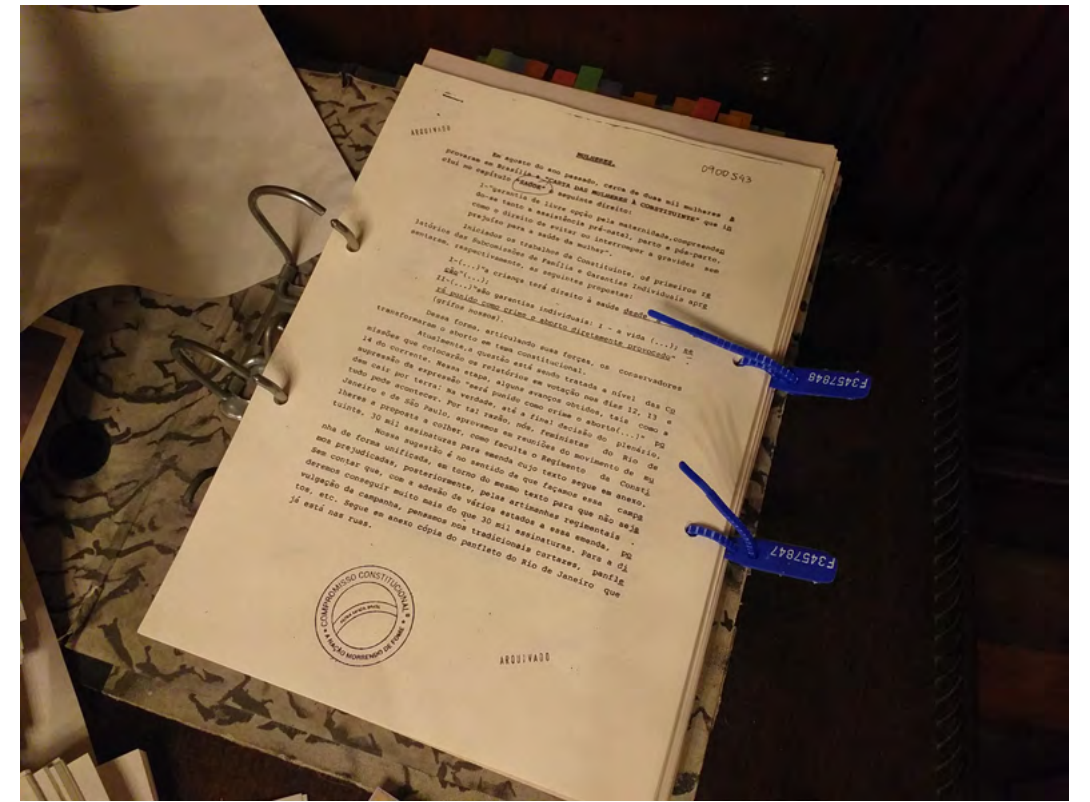
COMPROMISSO CONSTITUCIONAL ®

2022 | *Site specific*, aprox. 180 x 90 x 70 cm (LxAxP)
| Máquina de escrever, papéis e pastas sobre mesa
da reserva técnica do Museu da República.

Criada à convite da curadoria para a exposição "O que restou de ontem: Intervenções no Museu da República", a obra consiste em criar um diálogo com a obra **Compromisso Constitucional (1896)**, de Aurélio de Figueiredo, que se encontra no salão ministerial, no primeiro andar do Museu da República.

A partir da colisão entre a criação da primeira constituinte da república brasileira (momento retratado por Aurélio no quadro referido), e a última, feita em 1988, no período de redemocratização pós-ditadura militar, a instalação explora algumas das camadas invisibilizadas desses processos de construção. Durante as reuniões da Comissão de Estudos Constitucionais, entre 1987 e 1988, a população brasileira pôde participar da Constituinte através de vários GTs que se formaram no país, que por sua vez enviaram cartas e sugestões de parágrafos do documento ao Congresso Nacional.



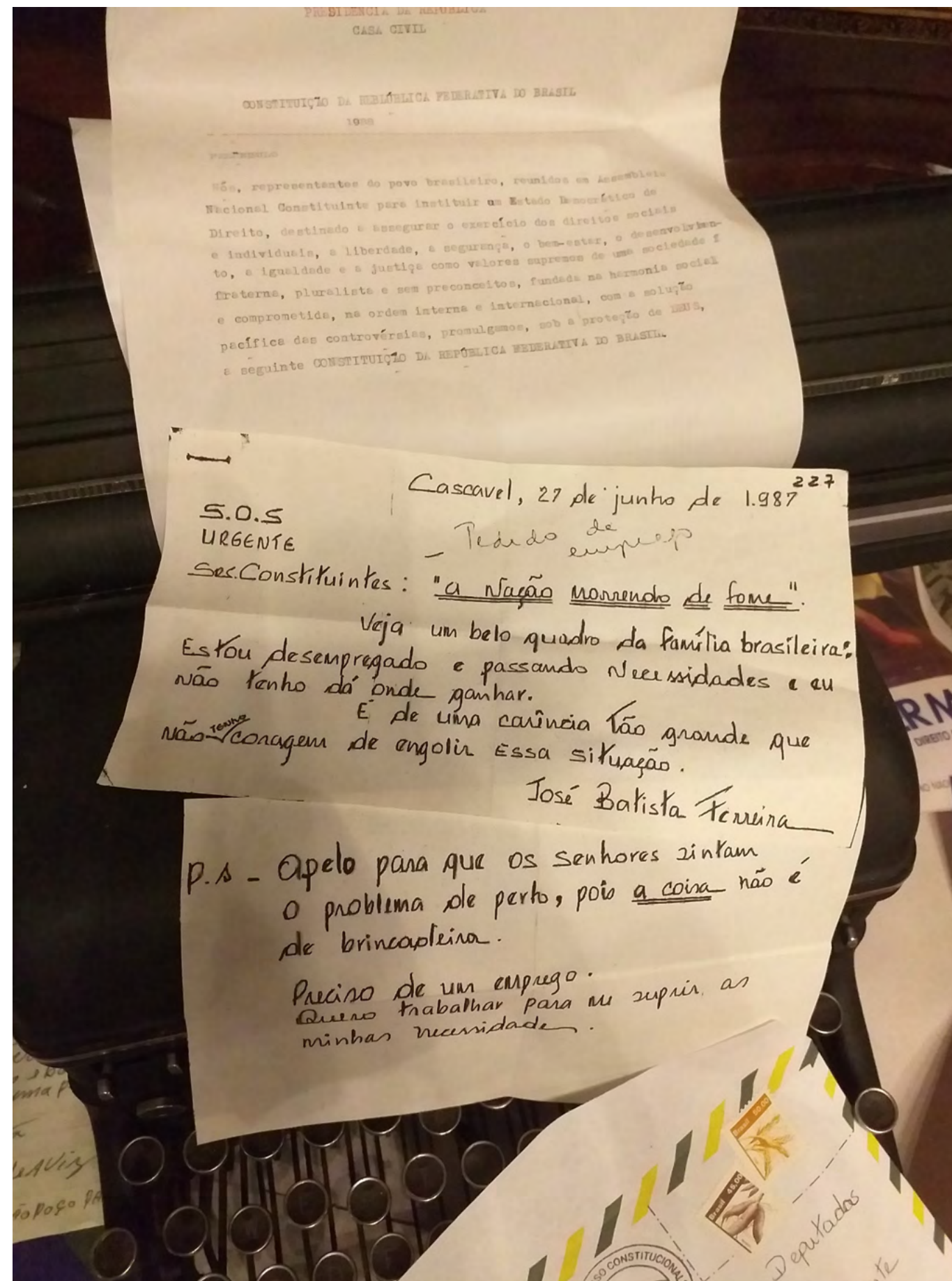


Detalhes da instalação. Fotos: Sara Mosli.

Muitas cartas chegaram ao Congresso Nacional contendo pedidos de socorro, refletindo a situação de miséria vivida por milhares de brasileiros naquele momento. No meio da instalação, está situada a reprodução de uma carta escrita por um homem chamado José Batista Ferreira, da cidade de Cascavel/CE, onde se lê a primeira frase:

"Srs. Constituintes: **A NAÇÃO MORRENDO DE FOME**".

A carta de José Ferreira expõe uma situação vivida por grande parte da população do país desde os seus fundamentos. Além das cartas, fragmentos de cartazes criados pelos GTs, dossiês arquivados e atas de reuniões que trabalharam incessantemente em soluções para os inúmeros problemas sociais do Brasil sobrecarregam a mesa, sobre a qual pende a máquina de escrever - símbolo de poder, burocracia e discurso -, e através da qual se passa um trecho do preâmbulo da Constituição de 88, que determina que nenhum cidadão deverá passar despercebido aos olhos do Estado.



Detalhe da instalação. Foto: Sara Mosli.

INVENTÁRIO POPULAR COMUM

2021 (em andamento) | Dimensões variadas

Inventário Popular Comum, ou **IPC**, é uma pesquisa em andamento que parte de uma coleção de mais de 500 (quinhentas) fotografias 3x4, todas preto & brancas, datadas das décadas de 1960, 70 e 80 encontradas em uma loja de quinquilharias no ano de 2016. A pesquisa tece diálogos entre memória, política, alteridade, narrativa histórica e ficção, através de um movimento de (re)invenção das histórias das pessoas retratadas na coleção, assumindo diversos formatos e experimentos ao longo do percurso.

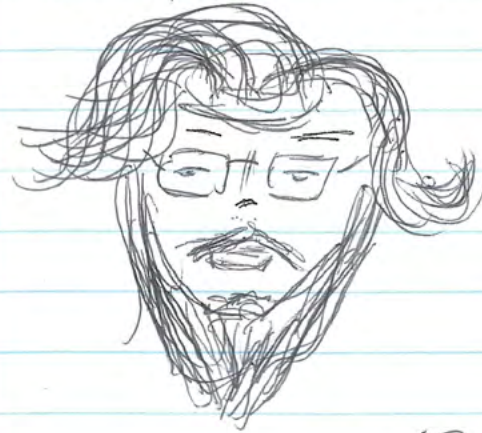


O ponto de partida das derivações acerca do arquivo-base do **IPC** é uma ativação que consiste na instauração de um “inquérito” sobre as imagens. Uma mesa é posicionada em lugares com fluxo de pessoas e, sobre a mesa, se encontra: uma caixa com parte do acervo das imagens 3x4, disponíveis para o manuseio, um gravador, papéis, canetas, e uma máquina de escrever, para que os interessados possam responder da forma que preferirem à seguinte pergunta: **“Quem essas pessoas poderiam ser?”** através de narrativa fabulatória livre. A primeira ativação dessa proposta foi realizada na exposição **O que não cabe no leito transborda na foz, o que não cabe no peito transborda na voz** em novembro de 2022 no Paço Imperial, Rio de Janeiro.

Dessa forma, é criada uma ficção coletiva acerca do material, revelando a forma como as pessoas absorveram os discursos históricos, identitários e as memórias políticas associadas ao passado das identidades brasileiras. Não por acaso, as datas das fotos correspondem aos anos da ditadura militar: os anos 60, 70 e 80 (fato este que não passou despercebido aos participantes da ativação). As imagens, juntamente às experiências narradas, darão origem a um livro, entre outras formatações que surgirem ao longo do percurso.



Jogos de primataes
Desaparecido Político



Denunciava...
lutava...
...
Sumiu...

1985

Onde está João de
Primataes e seus 4
companheiros!?!

Está a Vanessa, uma criança que viveu nos anos 60 teve sua vida bem marcada por conta da ditadura militar. Seus pais a tratava com muito carinho, em uma noite o grupo responsável pelo movimento entrou na residência e pegaram a família e Vanessa foi uma vítima da ditadura ficou sem seus pais. Hoje Vanessa é professora e compartilha sua vivência com seus alunos.

PEDRO JOSÉ, 22 ANOS, JOGADOR DE BASQUETE E INTOLERANTE A LACTOSE

ASSUMIA SEU CABELO AFRO E POLITIZAVA O ESPORTE. TINHA UM RELACIONAMENTO COM SEU COLEGA DE EQUIPE, CARLOS FZÉ. CARLOS E VIVIAM NA DÉCADA DE 30.

↳ NÃO SEI SE É O QUE TENTO IDEALIZAR DO PASSADO PARA TERI CONFORTO NO PRESENTE, MAS É ASSIM QUE EU O SINAÇO.

tulio, 40 e nos, acompanha todas as copas.

foi preso em 65 no período da ditadura voltou para casa em silencio, so falava quando assistia aos jogos da copa.

nao sei se ele ainda fala ou se ja na o existe.



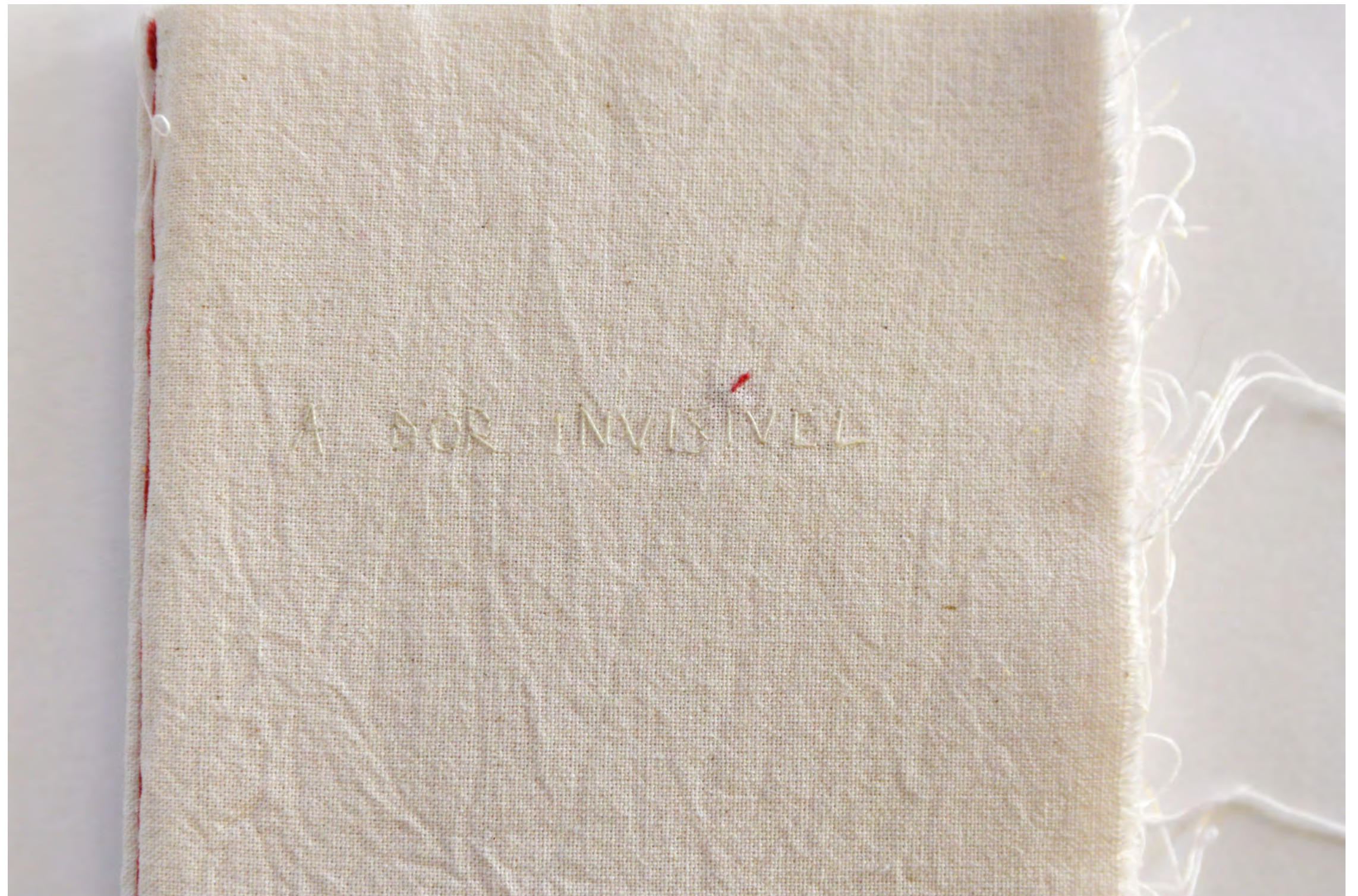
Materiais da ativação expostos durante a exposição. Foto: Christina Fromer.

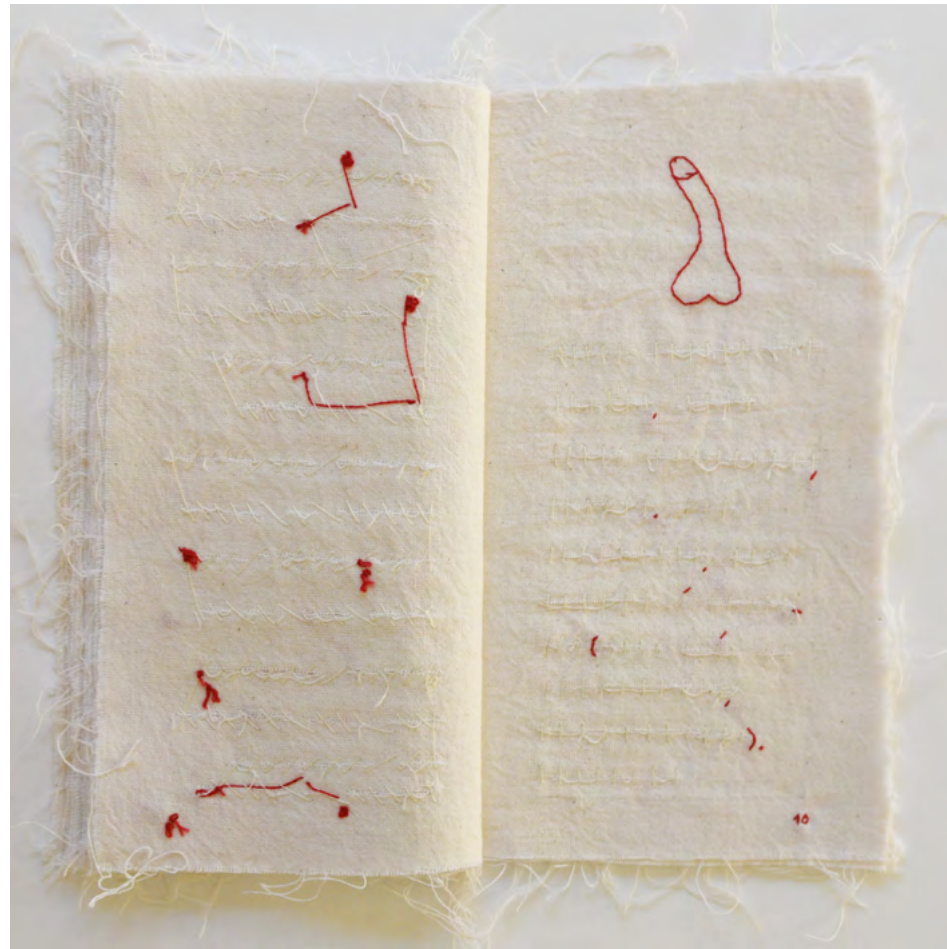
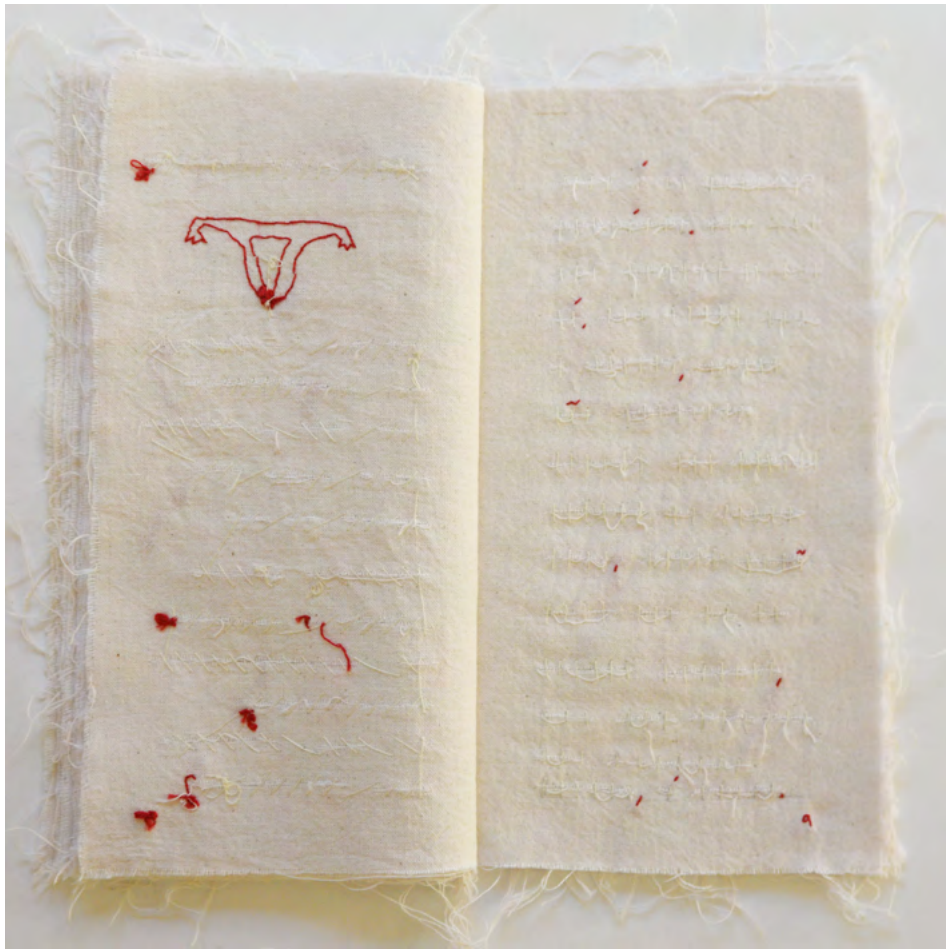
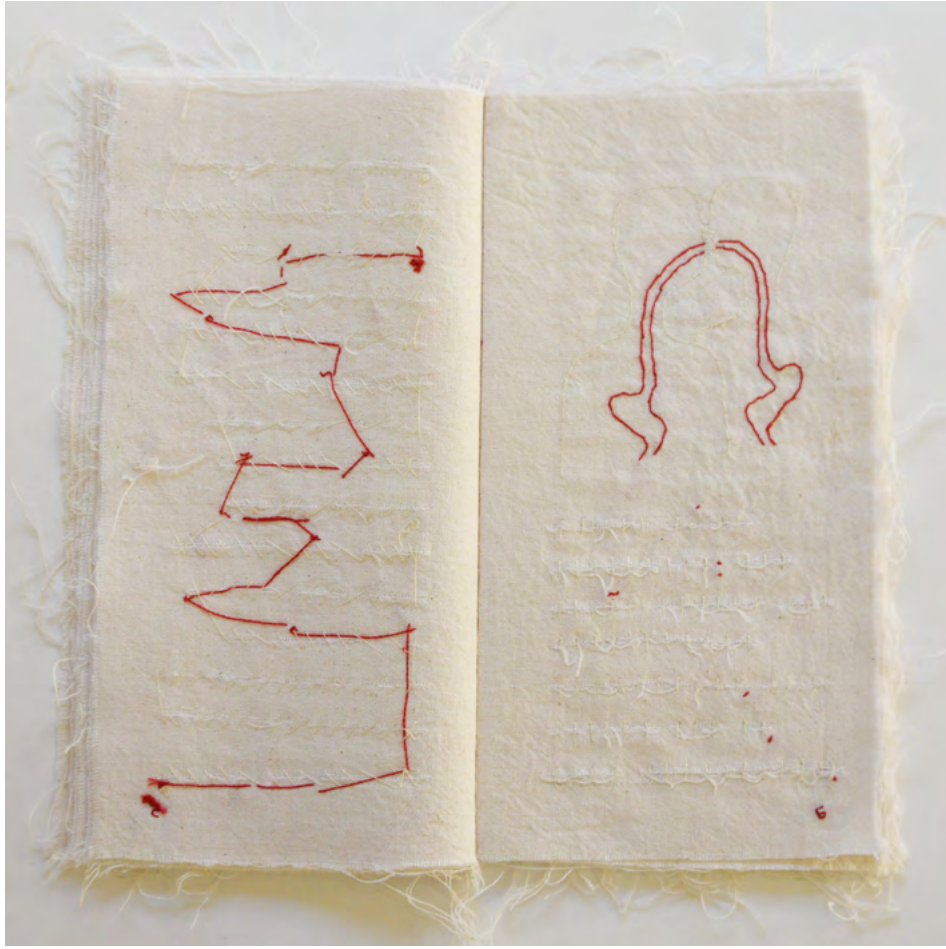
A DOR INVISÍVEL

2020 | Livro de artista, 14 páginas (folhas de tecido) |
bordado sobre tecido | 10 x 20 cm

A dor invisível é um poema-código, criado a partir de um poema em prosa, sendo então codificado em feridas. Cada palavra se tornou um rasgo no tecido, cada letra se transformou em um ponto de sutura, e somente os pontos, sinais e vírgulas da escrita original foram mantidos em vermelho. Os pontos de sutura são da mesma cor do tecido, tornando o poema (dor) em códigos duas vezes: primeiro ao codificar, segundo ao tornar seus códigos invisíveis. Algumas ilustrações fazem parte do trabalho.

No colofão do livro está escrito em código: "FEITO À MÃO EM ISOLAMENTO | JULHO DE 2020".





Fotos: Sara Mosli.

DERRELIÇÃO

2020 (em andamento) | Bordado sobre tecido |
39,5 x 30 cm cada

"Derrelição: *substantivo feminino*. 1) Estado de abandono, desamparo, repúdio. 2) Abandono desobediente ou transgressivo (de preceitos morais)" (dicionário Oxford). Esta série de bordados em andamento ilustram casas sendo demolidas, partindo do sentimento de fragilidade do espaço íntimo (a casa como alegoria do espaço subjetivo) perante as forças externas. Ou ainda, eles se constituem como uma leitura sobre o progresso como força destrutiva da memória, da intimidade e da segurança familiar.



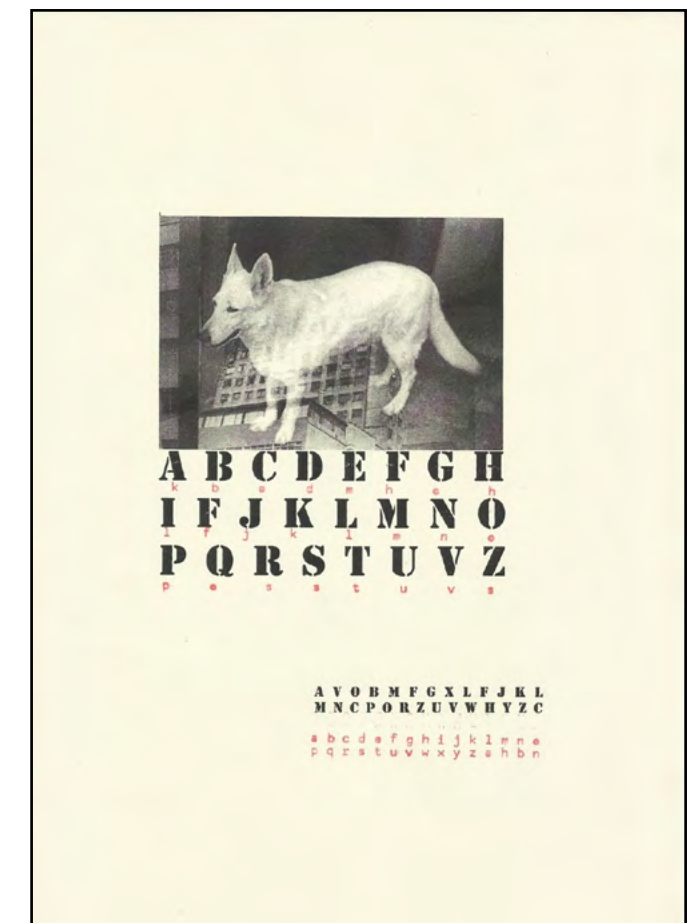
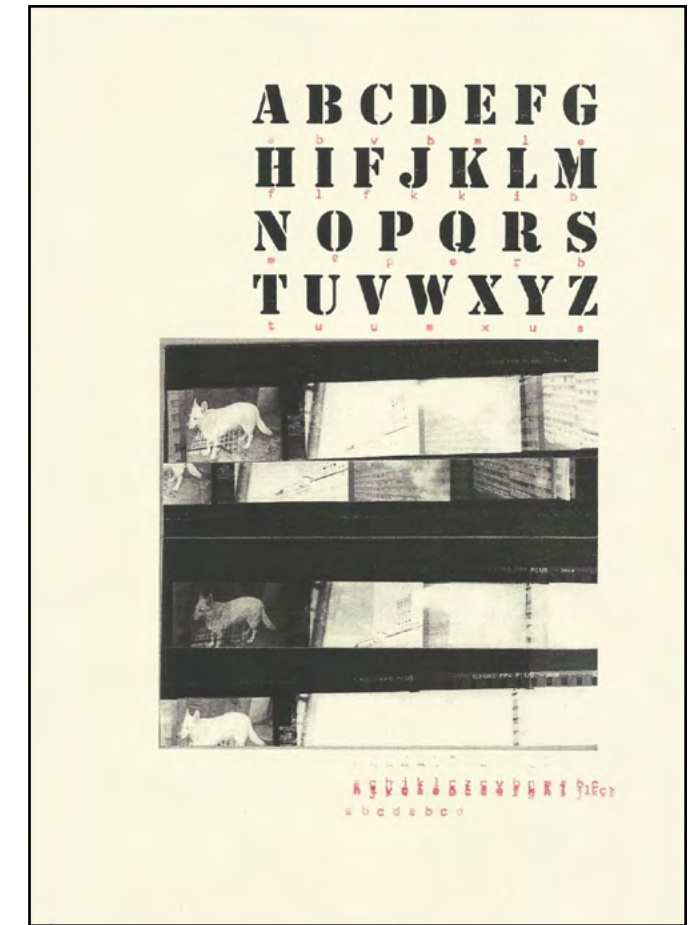
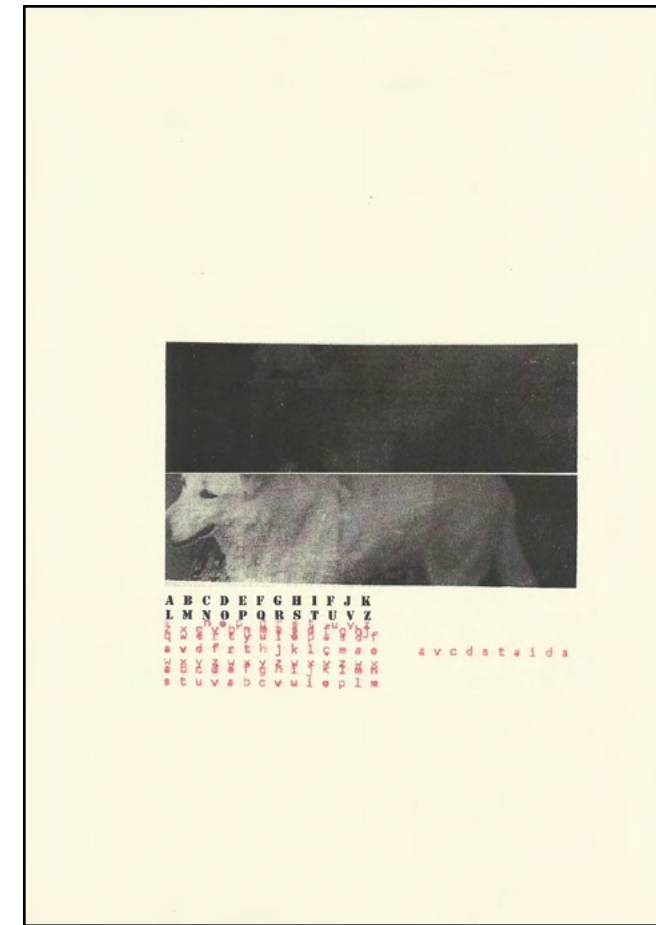


Derrelição (detalhe). Foto: Sara Mosli.

POEMAS DISLÉXICOS

2015 | Fotocópia e datilografia sobre papel |
6 partes tamanho A4 (297 x 210 mm cada)

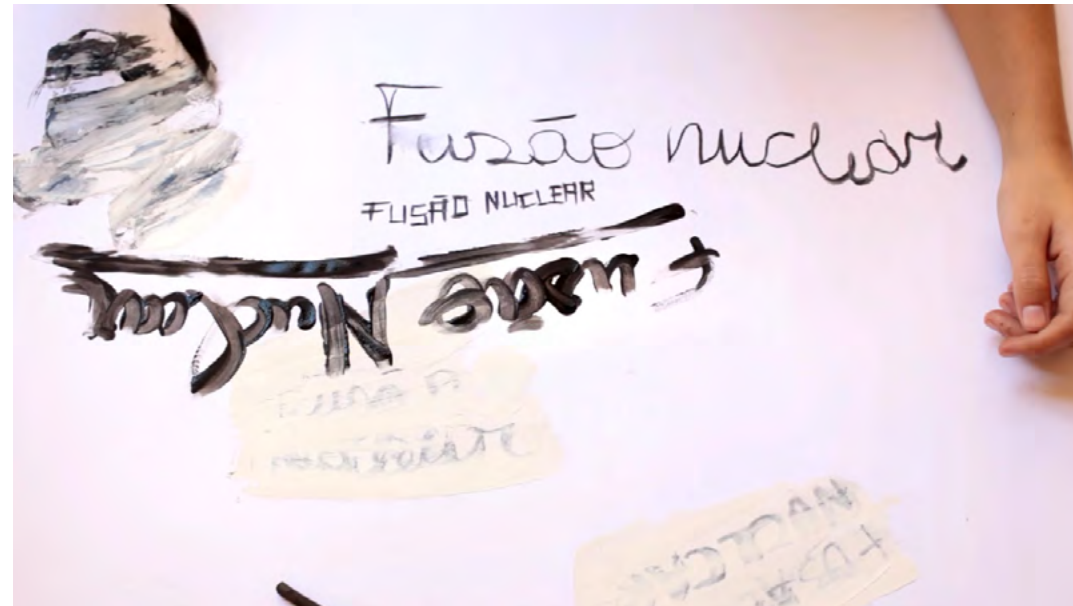
A série "Poemas disléxicos" investiga uma poética gráfica entre imagem e linguagem, tentativa e erro, repetição e acerto. A dislexia, transtorno de origem neurológica, se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico, comprometendo a aprendizagem da leitura pelo reconhecimento da correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, bem como na transformação de signos escritos em signos verbais. Os poemas disléxicos são tentativas de encontrar a correspondência entre signo e imagem, palavra e impossibilidade, perpassando fotogramas de imagens que "deram errado" e imprecisões gráficas.



POEMAS DISGRÁFICOS

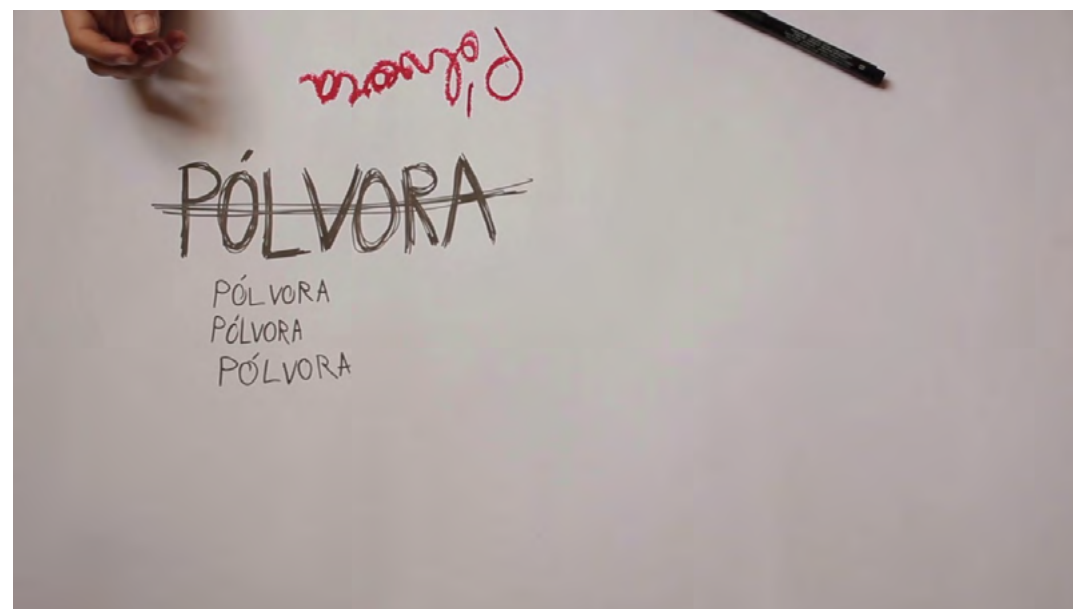
2015 | Vídeo
Poema disgráfico #1 - 5'47"
Poema disgráfico #2 - 5'17"

A disgrafia é uma condição adjacente à dislexia, segundo o DSM-5, afetando as aptidões da expressão escrita. Nos vídeo-poemas, palavras referentes a situações desastrosas são escritas e reescritas de várias maneiras, através de diferentes materiais, de forma a tentar recriar a sensação de "perda de sentido" ao repetir uma mesma palavra exaustivamente. Em última instância, os Poemas disgráficos são tentativas de destituição do sentido da destruição, em forma de (des)caligrafia.



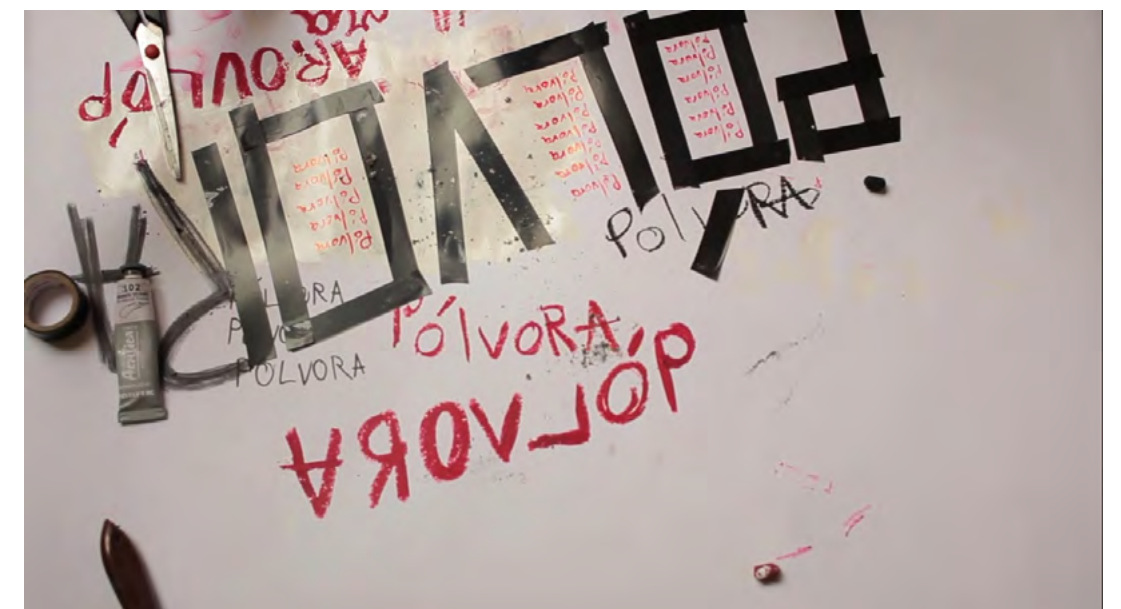
Poema disgráfico #1 - Fusão Nuclear

Link para visualização: <https://vimeo.com/134437622>



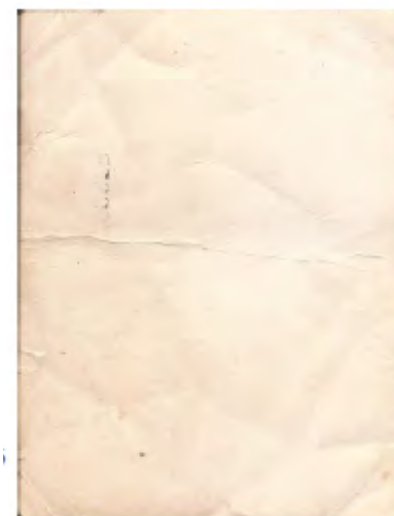
Poema disgráfico #2 - Pólvora

Link para visualização: <https://vimeo.com/134437623>



CADERNO VERMELHO

2016 | livro de artista, 15 x 21cm



Antônio Umbelino, historiador e poeta pernambucano, encontra no ano 2007 uma caixa no lixo de um bairro pelo qual passava na cidade de Ouro Preto/MG. A caixa continha livros, revistas, jornais, fotos de família, selos e uma carta assinada por "**Aleksey Schevchenko**". Antônio inicia então uma investigação sobre quem é ou foi Aleksey, o motivo pelos quais seus objetos se encontravam no lixo e porquê a carta expressava tanta angústia e deslocamento. Antônio descobre que Aleksey foi um astrofísico soviético, radicado no Brasil a partir de 1989, logo antes da queda do muro de Berlim. Fatos históricos e subjetivos passam a fazer parte da mesma trama: o sujeito que possui sua identidade fragmentada em resposta à fragmentação da ideia de nação soviética.

A partir da construção desses dois personagens, **Caderno Vermelho** é um trabalho de pesquisa iconográfica que envolve a coleta de fotografias e objetos em sebos e mercados de pulgas, coleta de imagens de arquivo público das nações da extinta União Soviética, e o processo de ressignificação dessas imagens a partir do *storytelling*. Essa pesquisa foi meu trabalho de conclusão de curso na Escola de Belas da UFMG, e teve como produto inicial um livro de artista que é constituído de um texto de apresentação assinado por mim e quatro capítulos assinados por Antônio, que tecem uma narrativa de recomposição histórica e subjetiva de Aleksey. As imagens no livro são associadas livremente ao texto, de forma que elas materializam a figura de Aleksey e também representam o imaginário soviético. Também há outras imagens que, ocasionalmente, representam o diálogo de Antônio com o leitor. O deslocamento de Aleksey para o Brasil, o duplo deslocamento do olhar (a invenção de Antônio e a invenção de Aleksey a partir de Antônio), e a provocação dos limites entre ficção e realidade proporcionam uma experiência de viver o outro a partir de questões universais sobre do que se constitui o sujeito.

LINK PARA VISUALIZAÇÃO COMPLETA DE CADERNO VERMELHO:

https://issuu.com/samosli/docs/caderno_vermelho_finalizado_alta_q

SUMÁRIO

Apresentação, por Sara Mosli	12
Prefácio	20
1. Construção	32
2. Solidez	43
3. Fluido	58
4. Pulverização	72



APRESENTAÇÃO

Fomos todos sabotados, desde o início. Fomos colocados em porões de navios e transportados para lugares onde nos foi negado o direito de existir. Ou fomos invadidos, e tivemos nossas terras e recursos transformados em prisões onde estamos confinados até hoje. À nós, foi negada a humanidade, desde sempre. Fomos colonizados pelo homo sapiens verbis, e desde então, estamos colonizando uns aos outros, através do pouco que nos restou, que é o que conseguimos construir através de nossa herança: A palavra. Mais precisamente, a palavra escrita (BURROUGHS, 2010).

Somos açoitados pelos colonizadores cotidianamente. Talvez pelo fato de que eles sabem que nós hoje sabemos do que eles fizeram no passado, e estamos armados com as armas que eles nos deixaram, só estamos em posição de guerra desfavorável. Na verdade, fomos contaminados por eles, e estamos em perfei-

8

PREFÁCIO

*"Do not go gentle into that good night,
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light."*

*Though wise men at their end know dark is right,
Because their words had forked no lightning they
Do not go gentle into that good night*

*Good men, the last wave by, crying how bright
Their frail deeds might have danced in a green bay,
Rage, rage against the dying of the light."*

Dylan Thomas

Não sei muito bem o que esta obra significa. A pesquisa aqui apresentada possui fundamentos não ortodoxos, assim como objetivos dispersos, e uma escrita não convencional. Muitos nem chamariam de pesquisa, nem de livro, mas somente um desvio de poucas páginas que se encontra na gaveta de um modesto historiador e poeta, resultado de um encontro com um material que o despertou para algo.

"Não são que finalmente receba mais brevidade / Que o solício anda e brado ao término do dia / Clama, clama contra o apagar da luz que fende / Embora o solho sentença que a brava e bom vindo / Quando a palavra já perdeu toda a magia / Não vai tão facilmente sem a vida / O jeito, a última oração, ao enterrar, anda / Não deveis dançar ao verde da baía / Clama, clama contra o apagar da luz que fende" / THOMAS, Dylan. "Do not go gentle into that good night". In: CLAYTON, Augusto de (trad. e org.) Diversos da autoria. São Paulo: Perspectiva, 2000.

16



Konstantin Eduardovich Ziolkovski (ou Constantino Eduardovich Ziolkovsky), foi uma das figuras mais importantes dos anos de formação da URSS. A partir de suas ideias, foram solidificadas as bases do Programa Espacial Soviético, assim como a popularização da cultura das viagens espaciais.

43



Isso me diz também de sua aparente necessidade de proximidade com seus antepassados. Provavelmente um ucraniano expurgado de sua identidade cultural, acrescido aos números de povos conquistados por um motivo que ainda por cima o flamejava e aquecia, mas que fora desprezado e abandonado diante dos objetivos de políticas pessoais dos líderes do Partido. O que ainda restara dele, o que era pessoal e intransferível? É o que compreende a família?

53



lado do muro, não menos destruído que o nosso, e ainda por cima, desprovido de poder de fogo, ou seja, discurso. Tudo era fragmentado, porém, com os destroços, o Partido (a grande entidade solidificadora do Estado Soviético) construiu, desconstruiu, e reconstruiu a história de seu país, várias e várias vezes. Ela foi projetada para a conquista espacial, para o alto desenvolvimento tecnológico e científico, e para as várias possibilidades que o progresso é capaz de ofe-

41



32



Detalhes de objetos pertencentes à Aleksey. Foto: Sara Mosli.

Ouro Preto, 24 de abril de 1998.

À quem possa interessar, ou seja, ninguém.

Será possível uma redenção póstuma? Hoje, neste eterno moirinho de sonhos, olho para um lugar que se transforma em nada, e no nada, tudo é apenas isto: um sonho. O que poderia ser sólido? O que poderia ser transformado e ter uma segunda chance? Este lugar de desgosto e discórdia?

Por verdade vos digo: não há verdade, esta é uma grande farsa. A única verdade que importa é aquela ligada às instituições de controle, por onde nos chegam seus comandos através dos aparelhos televisivos, e agora pelo computador. Tudo aquilo pelo o que lutar, pelo o que ser, porque ser. Apenas uma mentira, apenas! Por quê não estamos simplesmente olhando para o infinito estelar com admiração, buscando a única verdade que deveria ser absoluta para os homens: onde mais longe é possível chegar?

Tentei fazer o possível para que houvesse juízo entre os que encontrei neste caminho. Por algum motivo, percebo o que nos acomete, mas sou tido como louco. Ah! A cólera dos iluminados, salvação e destruição, ou apenas ilusão?

Tento agora viver a vida calmamente, sem ~~agitações~~ agitações, um dia após outro. Não há mais sonho que me interesse, ou motivos que me tirem dos meus objetivos imediatos. Morrer é uma bobagem, e viver, mais ainda.

"Un soir, j'ai Assis La Beauté sur mes
Genoux. - Et je l'ai truvée amère. - Et je l'ai
injuriee."

Arthur Rimbaud

Aleksey Schevchenko.

Carta de Aleksey Schevchenko encontrada na caixa com seus pertences. Texto por Sara Mosli.

ABISMO

2012 | Instalação | Tinta nanquim e espelhos sobre tela sobre painéis | Aprox. 30m² dos painéis laterais e aproximadamente 2,10 x 1,00 m do espelho central

Em parceria com Jonas Faria Costa

Abismo é uma instalação sobre o discurso do *self*. Um texto circunda os painéis em toda a galeria em fluxo de leitura, enquanto alguns espelhos interrompem o texto, tampando algumas palavras. No centro, um espelho convida o espectador a se observar, e no seu verso, pedaços de espelho quebram a uma imagem do espectador.





Foto: Sara Mosli.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

[2013]

Fundação de Arte de Ouro Preto | Galeria Nello Nuno | Instalação **Abismo**, em parceria com Jonas Faria Costa. Ouro Preto, MG

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

[2023]

Margens Plácidas | Mostra coletiva da Residência Artística Ateliê Sanitário | Série **Manual Político do Cidadão Constitucional**. Ateliê Sanitário, Gamboa, Rio de Janeiro, RJ.

[2022]

O que não cabe no leito transborda para a foz, o que não cabe no peito transborda para a voz | Exposição do Transfluências: 7º Encontro de Pesquisadores em Artes Visuais do Estado do RJ | **Inventário Popular Comum**. Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ.

O que restou de ontem: Intervenções no Museu da República | Instalação **Compromisso Constitucional** ®. Museu da República - Palácio do Catete, Rio de Janeiro, RJ.

[2015]

Dar-à-ver | Mostra coletiva dos monitores em Fotografia da Escola de Belas Artes | Série **Poemas disléxicos**. Belo Horizonte, MG

[2014]

Isto não é uma exposição | 1ª Mostra de Fotografia EBA | Série **Diário e Postais**. Belo Horizonte, MG

[2013]

Deriva VII | Vídeo-instalação **res derelicta**. Belo Horizonte, MG

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

[2022]

Residência Artística Ateliê Sanitário | Bicentenário da Independência. De 14 de novembro a 18 de dezembro de 2022. Ateliê Sanitário, Gamboa, Rio de Janeiro, RJ.

[2021]

Incubadora DAO | 1ª Residência Artística online para artistas lusófonos. De 10 de setembro a 12 de outubro de 2021. Lisboa (sede), prática online.

EXIBIÇÕES EM FESTIVAIS E MOSTRAS

[2014]

Cine Under Recife | Mostra Transterritorial de cinema Underground de Recife - Vídeo *Brasil, eu te dei tudo e agora eu não sou nada*. Recife, PE

[2020]

First-Time Filmmakers Sessions April 2020 | The Lift-Off Global Network - Seleção oficial com o filme *A estrutura dos ossos nos dedos (The Structure in the finger's bones)*. Pinewood, UK.

Cine sem Chorumelas online | Festival F5 de Contagem | Exibição de *A estrutura dos ossos nos dedos*. Contagem, MG.

Festival Curta em casa | Cardume TV | Seleção oficial com o filme *A estrutura dos ossos nos dedos*. São Paulo, SP.

CINEMA E AUDIOVISUAL

[2022]

Terra do Rocambole (documentário). Produção executiva. Lagoa Dourada, MG

Produtora Peteca. Produção audiovisual e design gráfico. De setembro de 2021 a junho de 2022. Tiradentes, MG.

[2019]

Mostra **Katsudo Shashin: Imagens em movimento**. Assistente de produção. Belo Horizonte, MG.